

Modernismo português



Modernismo português

Vertentes da obra pessoana:

Ortonímica

Heteronímica



Modernismo português

Ortonímica

Fernando Pessoa,
ele mesmo

Heteronímica

Modernismo português

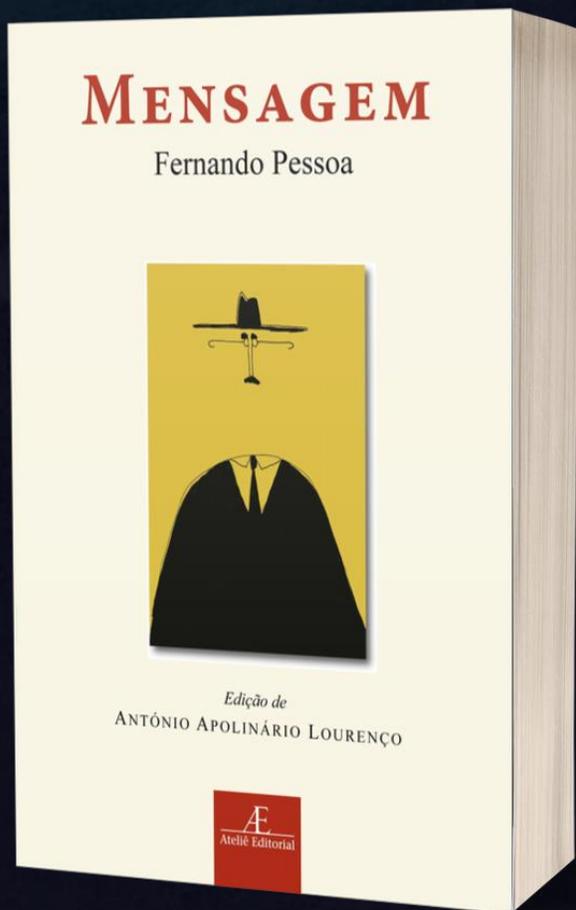
Ortonímica

Heteronímica

**Nomes, biografias
e estilos diversos:**

- *Alberto Caeiro*
- *Ricardo Reis*
- *Álvaro de Campos*

Fernando Pessoa



Características de *Mensagem*

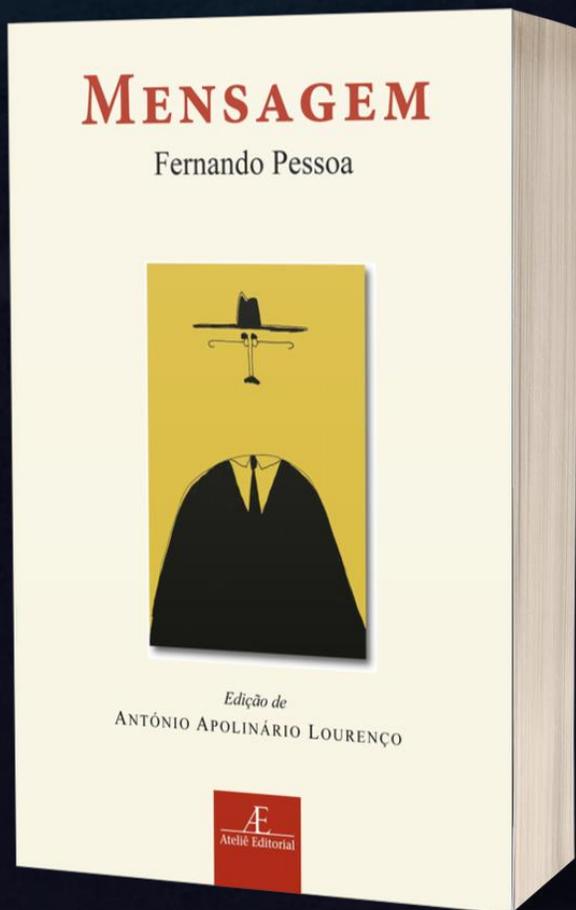
01

Elogio a Portugal

Foi inscrito em um concurso organizado pelo órgão de propaganda da ditadura salazarista

Seus versos, contudo, não foram entendidos e a obra ganhou, como menção honrosa, o prêmio de Categoria B

Fernando Pessoa



Características de *Mensagem*

02

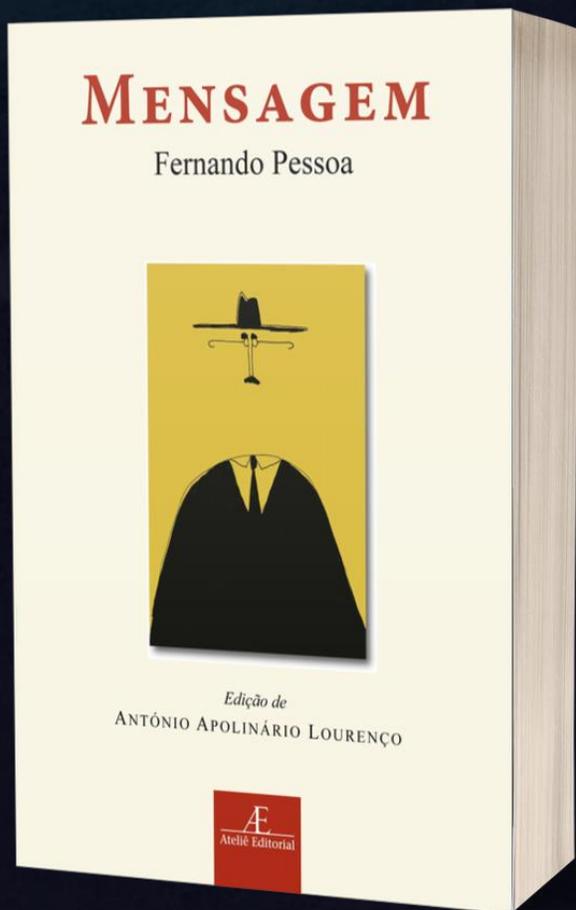
**Influência
simbolista**

**Fugindo ao tédio e ao
decadentismo,
o eu poético busca misticamente
os anseios mais inefáveis de alma**

Sente-se tomado pela nostalgia de um bem perdido, tentando recuperá-lo através de uma atmosfera de sonhos e sugestões

Há ainda marcas sensacionistas na poesia ortônima pessoana

Fernando Pessoa



Características de *Mensagem*

03

**Nacionalismo
místico**

**Propõe um revisionismo crítico
da História portuguesa**

Por meio da releitura de *Os Lusíadas*,
analisado com mais de três séculos
de distanciamento

Os poemas fundem elementos
épicos e líricos

Fernando Pessoa

Mensagem
divide-se em 3
partes

1

Brasão:

liga os itens do brasão português a personagens históricas do país

2

Mar português:

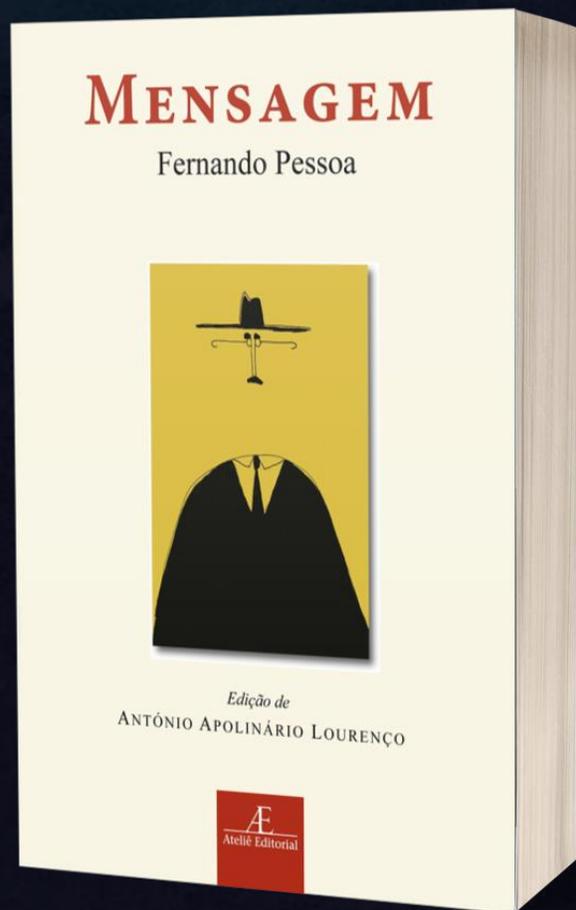
aborda figuras históricas e episódios das conquistas marítimas (séculos XV e XVI)

3

O Encoberto:

sebastianismo explícito, desejo do retorno de um líder para reconduzir Portugal à construção do *Quinto Império* (índole espiritual)

Fernando Pessoa



Características de *Mensagem*

04

Expressão latina
“*mens agitat
molem*”

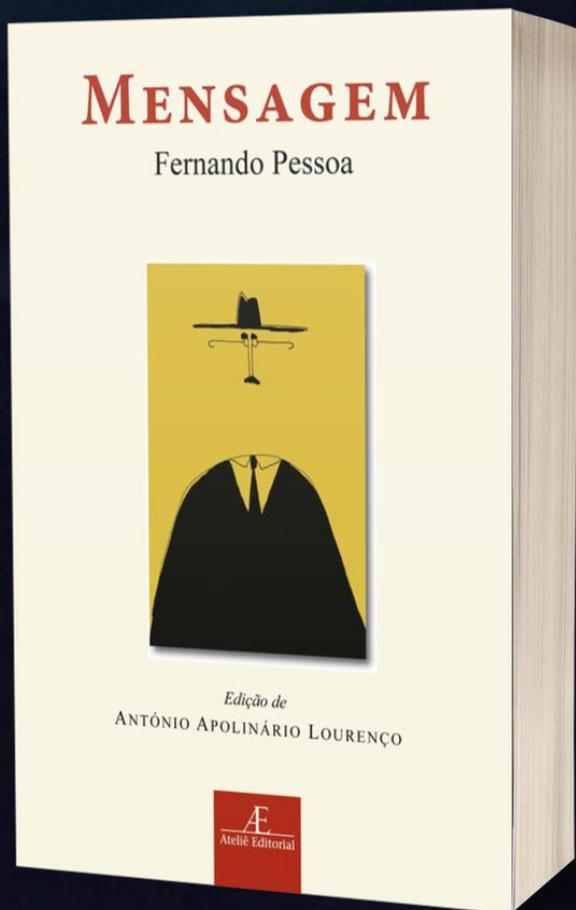
Fernando Pessoa

*“mens agitat
molem”*

O espírito move a matéria

Portugal deveria obedecer ao chamado espiritual e partir em busca das grandes conquistas a que está predestinado

Fernando Pessoa



Aspectos formais

Linguagem

Elaborada e requintada.
Eventual utilização de
maiúsculas alegóricas

Grande musicalidade

Presença de sonetos

Primeira Parte: Brasão

A Europa jaz, posta nos cotovelos:
De Oriente a Ocidente jaz, fitando,
E toldam-lhe românticos cabelos
Olhos gregos, lembrando.

O cotovelo esquerdo é recuado;
O direito é em ângulo disposto.
Aquele diz Itália onde é pousado;
Este diz Inglaterra onde, afastado,

A mão sustenta, em que se apoia o rosto.
Fita, com olhar sphyngico e fatal,
O Ocidente, futuro do passado.

O rosto com que fita é Portugal.



Segunda Parte: Mar Português

“Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!

Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.

Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.”



Terceira Parte: O Encoberto

Que símbolo fecundo
Vem na aurora ansiosa?
Na Cruz Morta do Mundo
A Vida, que é a Rosa.

Que símbolo divino Traz o dia já visto?
Na Cruz, que é o Destino,
A Rosa que é o Cristo.
Que símbolo final

Mostra o sol já desperto?
Na Cruz morta e fatal
A Rosa do Encoberto.



ISTO

"Dizem que finjo ou minto
Tudo que escrevo. Não.
Eu simplesmente sinto
Com a imaginação.
Não uso o coração.

Tudo o que sonho ou passo
O que me falha ou finda,
É como que um terraço
Sobre outra coisa ainda.
Essa coisa é que é linda.

Por isso escrevo em meio
Do que não está ao pé,
Livre do meu enleio,
Sério do que não é.
Sentir? Sinta quem lê!"



Heterônimos

1889

Alberto Caeiro,
o Mestre
(1889-1915)

1915

Nasceu em Lisboa.

Viveu quase toda sua vida em uma quinta no Ribaltejo com uma tia-avó, onde escreveu os poemas de *O guardador de rebanhos*

Estatura media e frágil compleição.

Não usava barba, tinha cabelo louro e olhos azuis; seus ombros eram baixos, os malarres salientes, a cor pálida

Teve pouquíssima educação formal.

O que explica a simplicidade técnica e linguística de seus versos, algo afim à sua compreensão do mundo e do homem

Faleceu vitimado pela tuberculose.

MODERNISMO PORTUGUÊS

Alberto Caeiro

**Negação do
intelecto**

**Em prol de sentir de
forma sinestésica as
dádivas da natureza**

**Caeiro era um
aldeão simples**

Louvou a ligação
telúrica com a natureza,
o diálogo com as flores,
com as pedras

Alberto Caeiro

Seu reduzido léxico gera uma poesia de linguagem simples

Similar à prosa poética, moldada em versos livres

Negação os deuses

Julga que a filosofia adequada à vida real é não ter qualquer filosofia, deixa-se viver apenas

Mestre do paganismo

Assumiu uma postura antirreflexiva, não espiritual, não judaica e não cristã, similar zen-budismo

O guardador de rebanhos

II

O meu olhar é nítido como um girassol. [...]
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo...

Creio no mundo como num malmequer,
Porque o vejo. Mas não penso nele
Porque pensar é não compreender...

O Mundo não se fez para pensarmos nele
(Pensar é estar doente dos olhos)
Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo...

Eu não tenho filosofia: tenho sentidos... [...]"



O guardador de rebanhos

V

“Há metafísica bastante em não pensar em nada.

O que penso eu do Mundo?

Sei lá o que penso do Mundo!

Se eu adoecesse pensaria nisso.

Que ideia tenho eu das coisas?

Que opinião tenho sobre as causas e os efeitos?

Que tenho eu meditado sobre Deus e a alma

E sobre a criação do Mundo?

Não sei. Para mim pensar nisso é fechar os olhos

E não pensar. É correr as cortinas

Da minha janela (mas ela não tem cortinas).

O mistério das coisas? Sei lá o que é mistério!

O único mistério é haver quem pense no mistério.

Quem está ao sol e fecha os olhos,

Começa a não saber o que é o Sol

E a pensar muitas coisas cheias de calor.

Mas abre os olhos e vê o Sol,

E já não pode pensar em nada,

Porque a luz do Sol vale mais que os

pensamentos

De todos os filósofos e de todos os poetas.

A luz do Sol não sabe o que faz

E por isso não erra e é comum e boa. [...]"



O guardador de rebanhos

IX

"Sou um guardador de rebanhos.
O rebanho é os meus pensamentos.

E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.

Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.
Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto.
E me deito ao comprido na erva,
E fecho os olhos quentes.

Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
Sei a verdade e sou feliz."



O guardador de rebanhos

XVI

"Não me importo com as rimas. Raras vezes
Há duas árvores iguais, uma ao lado da outra.
Penso e escrevo como as flores têm cor
Mas com menos perfeição no meu modo de
[expressar-me
Porque me falta a simplicidade divina
De ser todo só o meu exterior.

Olho e comovo-me,
Comovo-me como a água corre quando
[o chão é inclinado,
E a minha poesia é natural como o levantar-se
[o vento..."



1887

Nascido na cidade do Porto, estudou em colégio de jesuítas, onde aprendeu latim.

Daí ter lido os clássicos da literatura romana.

Dedicou-se também aos gregos, tornando-se um "semi-helenista".



Ricardo Reis
(1887-1935?)

Formou-se em Medicina.

Era monarquista

1919

Abafada a revolução da Monarquia do Norte luso, expatriou-se para o Brasil.

Ricardo Reis

Poeta ligado ao modo

**Intelectualista (neoclássico)
de ver o mundo**

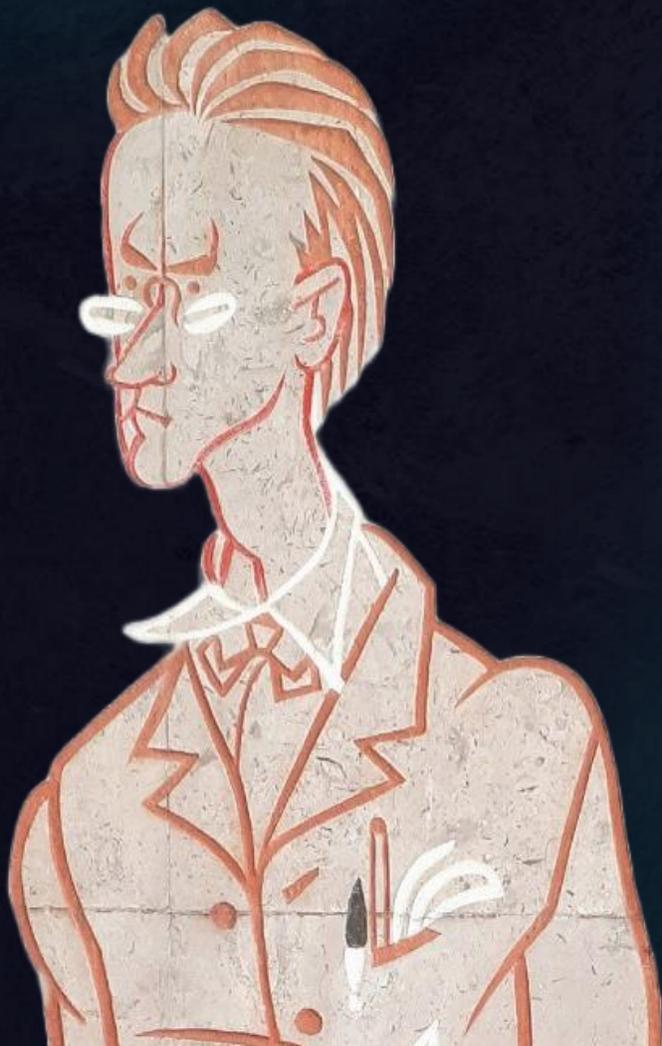
**Via a natureza como a única forma
sadia de vida (*locus amenus*)**

**Defendeu o paganismo clássico
e o panteísmo**



MODERNISMO PORTUGUÊS

Ricardo Reis



CARPE DIEM

**Mostrou intensa
preocupação com o passar
do tempo**

Optando pelo presente eterno

Ricardo Reis

Assumiu as filosofias de vida típicas do Classicismo e do Humanismo

Hedonismo

Epicurismo

Estoicismo



Ricardo Reis

**Poemas de
vocabulário raro
e erudito**

**Baseado em clássicos
greco-latinos e em versos
brancos**

Compôs odes clássicas
ao sabor de Horácio

12-6-1914

"Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio.
Sossegadamente fitemos o seu curso e
[aprendamos
Que a vida passa, e não estamos de mãos
[enlaçadas.
(Enlacemos as mãos.) [...]

Desenlacemos as mãos, porque não vale a
[pena cansarmo-nos.
Quer gozemos, quer não gozemos,
[passamos como o rio.

Mais vale saber passar silenciosamente
E sem desassossegos grandes.

Sem amores, nem ódios, nem paixões que
[levantam a voz,
Nem invejas que dão movimento demais
aos

[olhos,
Nem cuidados, porque se os tivesse o rio
[sempre correria,
E sempre iria ter ao mar.





Amemo-nos tranquilamente,
pensando que podíamos,
Se quiséssemos, trocar beijos e
abraços e carícias,
Mas que mais vale estarmos sentados
ao pé um do outro
Ouvindo correr o rio e vendo-o. [...]

E se antes do que eu lewares o óbolo

ao barqueiro sombrio,
Eu nada terei que sofrer ao lembrar-
me de ti.
Ser-me-ás suave à memória
lembrando-te assim -- à beira rio,
Pagã triste e com flores no regaço."





1-11-1930

"Quer pouco: terás tudo.
Quer nada: serás livre.
O mesmo amor que tenham
Por nós, quer-nos, oprime-nos."



TÃO CEDO PASSA TUDO QUANTO PASSA!

“Tão cedo passa tudo quanto passa!
Morre tão jovem ante os deuses quanto
Morre! Tudo é tão pouco!
Nada se sabe, tudo se imagina.
Circunda-te de rosas, ama, bebe
E cala. O mais é nada.”



1890



Álvaro
de Campos
(1890-1935)

Nasceu em Tavira e se formou em Engenharia Naval na Escócia.

Conheceu a Irlanda e o Oriente, viagem que lhe inspirou a escrever o célebre poema "Opiário".

Homem culto e partidário da Monarquia.

Aprendeu o verso livre com o Mestre Caetano.



Álvaro de Campos (1890-1935)

Tinha ódio às máscaras sociais a que todos estamos submetidos, além de sofrer de um enorme dilaceramento interior.

Trazia o rosto raspado, era alto e magro, e tinha feições de um moreno trigueiro, como os mouriscos do Algarve.

Álvaro de Campos

Características da obra

01

Homem moderno:

paradoxal, inconciliado, neurótico, sadomasoquista, cosmopolita, niilista e muito inquieto existencialmente.

02

Visão caótica de tudo:

experiências frasais insólitas e moderníssimas, a que se soma um humor doloroso e corrosivo.

03

Tendência à nostalgia da infância.

FASES DA SUA POÉTICA

Álvaro de Campos

Simbolista

Decadentismo e desespero perante a realidade.

Destaque: poema
"Opiário"

Futurista
(Sensacionista)

Abulíca

FASES DA SUA POÉTICA

Álvaro de Campos

Simbolista

**Futurista
(sensacionista)**

Abulíca

Inovações formais e temáticas, recursos tipográficos e linguagem coloquial, eufórica, com onomatopeias.

E mais: amor e ódio ao mundo moderno, ao progresso científico e à industrialização.

Destaque: "Ode marítima",
"Ode triunfal" e
"Saudação a Walt Whitman"

FASES DA SUA POÉTICA

Álvaro de Campos

Simbolista

Futurista
(Sensacionista)

Niilismo

Acentua o intimismo e o niilismo da fase inicial.

Temas: desilusão com a realidade e absoluto cansaço existencial.

Destaque: "Lisbon revisited", "Poema em linha reta"
"Aniversário" e "Tabacaria".

MESTRE, MEU MESTRE QUERIDO

“[...] Meu mestre e meu guia!
A quem nenhuma coisa feriu, nem doeu, nem perturbou,
Seguro como um sol fazendo o seu dia involuntariamente,
Natural como um dia mostrando tudo,
Meu mestre, meu coração não aprendeu a tua serenidade.
Meu coração não aprendeu nada.
Meu coração não é nada,
Meu coração está perdido. [...]”



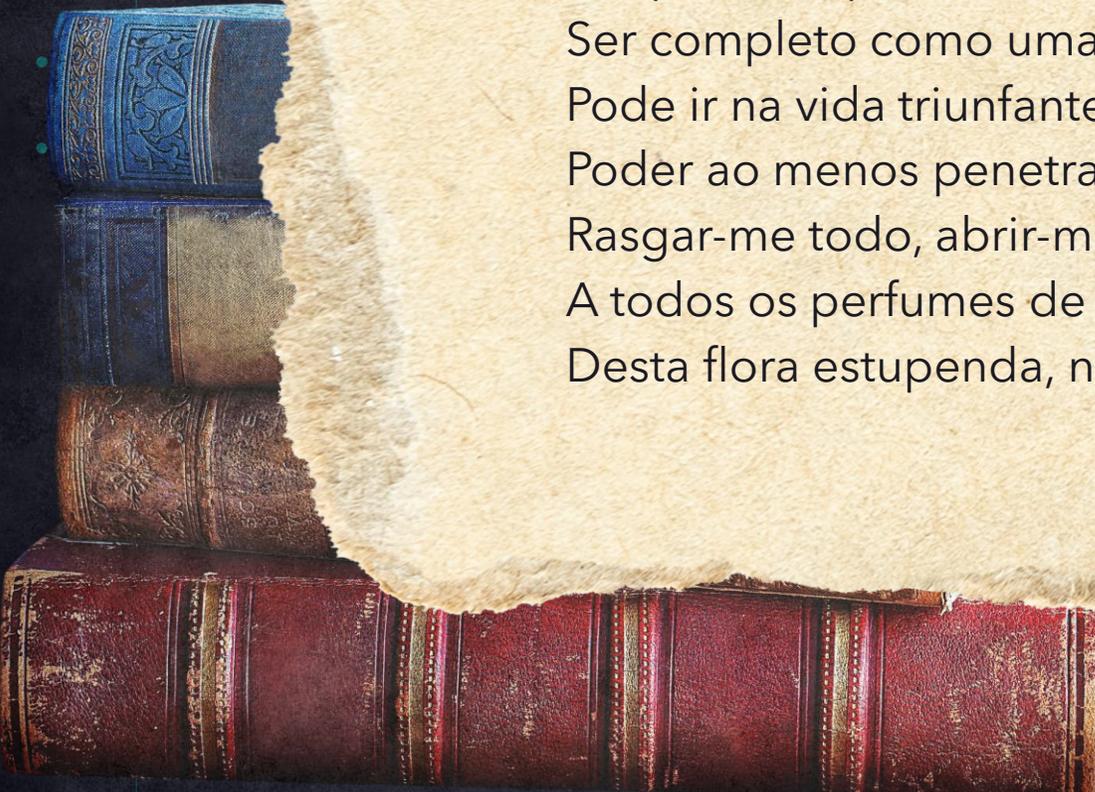
ODE TRIUNFAL

"À dolorosa luz das grandes lâmpadas elétricas da fábrica
Tenho febre e escrevo.

Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,
Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.

Ó rodas, ó engrenagens, *r-r-r-r-r-r-r-r* eterno!
Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!
Em fúria fora e dentro de mim,
Por todos os meus nervos dissecados fora,
Por todas as papilas fora de tudo com que eu sinto!
Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,
De vos ouvir demasiadamente de perto,
E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso
De expressão de todas as minhas sensações,
Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!

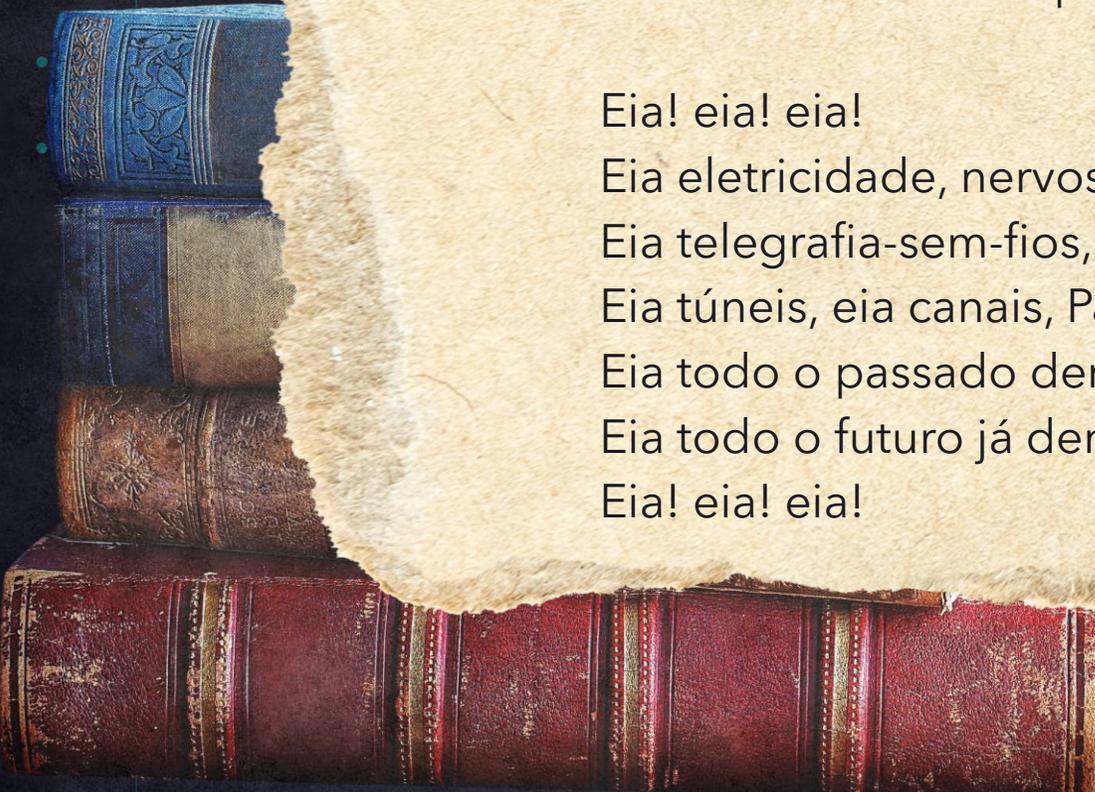




Em febre e olhando os motores como uma Natureza tropical --
Grandes trópicos humanos de ferro e fogo e força --
Canto e canto o presente, e também o passado e todo o futuro,
Porque o presente é todo o passado e todo o futuro [...].

Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!
Ser completo como uma máquina!
Pode ir na vida triunfante como um automóvel último-modelo!
Poder ao menos penetrar-me fisicamente de tudo isto,
Rasgar-me todo, abrir-me completamente, tornar-me passento
A todos os perfumes de óleos e calores e carvões
Desta flora estupenda, negra, artificial e insaciável! [...]





Eu podia morrer triturado por um motor
Com o sentimento de deliciosa entrega duma mulher possuída.
Atirem-me para dentro das fornalhas!
Metam-me debaixo dos comboios!
Espanquem-me a bordo de navios!
Masoquismo através dos maquinismos!
Sadismo de não sei quê moderno e eu e barulho! [...]

Eia! eia! eia!
Eia eletricidade, nervos doentes da Matéria!
Eia telegrafia-sem-fios, simpatia metálica do Inconsciente!
Eia túneis, eia canais, Panamá, Kiel, Suez!
Eia todo o passado dentro do presente!
Eia todo o futuro já dentro de nós! eia!
Eia! eia! eia!



Frutos de ferro útil da árvore-fábrica cosmopolita!

Eia! eia! eia! eia-hô-ô-ô! [...]

Çam-me em todos os cais.

Giro dentro das hélices de todos os navios.

Eia! eia-hô eia!

Eia! sou o calor mecânico e a eletricidade! [...]

Eia e hurrah por mim-tudo e tudo, máquinas a trabalhar, eia!

Galgar com tudo por cima de tudo! Hup-lá!

Hup-lá! hup-lá, hup-lá-hô, hup-lá!

Hé-lá! He-hô Ho-o-o-o-o!

Z-z-z-z-z-z-z-z-z-z-z-z-z!

Ah não ser eu toda a gente e toda a parte!"



POEMA EM LINHA RETA

“Nunca conheci ninguém que tenha levado porrada.
Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo?”

E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil,
Eu tantas vezes irresponsavelmente parasita,
Indesculpavelmente sujo,
Eu, que tantas vezes não tenho tido paciência para tomar banho,
Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo,
Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes das etiquetas,
Que tenho sido grotesco, mesquinho, submisso e arrogante,
Que tenho sofrido enxovalhos e calado,
Que quando não tenho calado, tenho sido mais ridículo ainda;
Eu, que tenho sido cômico às criadas de hotel,



Eu, que tenho sentido o piscar de olhos dos moços de fretes,
Eu, que tenho feito vergonhas financeiras, pedido emprestado sem pagar,
Eu, que, quando a hora do soco surgiu, me tenho agachado
Para fora da possibilidade do soco;
Eu, que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas,
Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo.

Toda a gente que eu conheço e que fala comigo
Nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu enxovalho,
Nunca foi senão príncipe -- todos eles príncipes -- na vida...



Quem me dera ouvir de alguém a voz humana
Que confessasse senão um pecado, mas uma infâmia;
Que contasse, não uma violência, mas uma cobardia!
Não, são todos o Ideal, se os ouço e me falam.
Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez foi vil?

Ó príncipes, meus irmãos,
Arre, estou farto de semideuses!
Onde é que há gente no mundo?

Então sou só eu que sou vil e errôneo nessa terra?
Poderão as mulheres não os terem amado,
Podem ter sido traídos -- mas ridículos nunca!
E eu, que tenho sido ridículo sem ter sido traído,
Como posso eu falar com os meus superiores sem titubear?
Eu, que tenho sido vil, literalmente vil,
Vil no sentido mesquinho e infame da vileza."



LISBON REVISITED (1923)

“Não: não quero nada
Já disse que não quero nada.

Não me venham com conclusões!
A única conclusão é morrer.

Não me tragam estéticas!
Não me falem em moral!
Tirem-me daqui a metafísica!
Não me apregoem sistemas completos, não me enfileirem conquistas
Das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!) –
Das ciências, das artes, da civilização moderna! [...]

Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável? [...]
Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a vontade.
Assim, como sou, tenham paciência!
Vão para o diabo sem mim,
Ou deixem-me ir sozinho para o diabo!
Para que havemos de ir juntos? [...]”

